

Rodas de conversa entre educação e psicanálise¹: um projeto de pesquisa²

Carlos Augusto Ferrari Filho (Pesquisador responsável)³, Porto Alegre

Lucia Helena Machado Freitas⁴, Porto Alegre

Maria Cláudia Bombassaro Callegari⁵, Porto Alegre

Alice Becker Lewkowicz⁶, Porto Alegre

Maria de Fátima Loureiro de Carvalho Freitas⁷, Porto Alegre

Rosângela Costa⁸, Porto Alegre

Maristela Priotto Wenzel⁷, Porto Alegre

Geani Regina Dröescher⁹, Porto Alegre

O grupo formado a partir da parceria SMED – SPPA, que há mais de doze anos trabalha com o estudo e com a aplicação de técnicas que disponibilizem o conhecimento psicanalítico na formação continuada de

¹ Em abril de 2018 o Projeto de Pesquisa *Rodas de conversa entre Educação e Psicanálise* foi distinguido, após seleção em nível internacional, com uma Bolsa de Pesquisa do Comitê de Pesquisa da *International Psychoanalytical Association* (IPA). O presente artigo trata da experiência feita em parceria entre a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, a Secretaria Municipal de Educação (SMED) e a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), com o apoio das colegas Flávia Friedman Maltz, Magaly Wainstein, Maria Geraldina Ramos Viçosa, Mery Pomerancblum Wolff, Joyce Goldstein (Coord. pela SPPA).

² A nominata dos integrantes desse Grupo de Pesquisa, por razões pessoais ou institucionais, se altera às vezes, sem que isto, no entanto, modifique a sua estrutura básica. Essa é sua composição atual, e que estará trabalhando na coleta de dados e análise dos resultados ao longo de 2019.

³ Psiquiatra, psicanalista, membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

⁴ Psiquiatra, membro aspirante graduado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). Mestrado em Saúde Pública pela Universidade de Harvard. Doutora em Clínica Médica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora associada do Departamento de Psiquiatria da UFRGS/HCPA, professora colaboradora do Curso de Pós-graduação em Psiquiatria e Ciências do Comportamento da UFRGS.

⁵ Pedagoga, Diretora Pedagógica da SMED, mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

⁶ Psiquiatra, psicanalista, membro associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

⁷ Psicóloga, psicanalista, membro associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

⁸ Psicóloga, membro aspirante graduado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

⁹ Pedagoga, especialização em supervisão escolar pela Faculdade de São Bernardo do Campo (FASB).

Carlos Augusto Ferrari Filho et al.

profissionais voltados à educação infantil, expandiu-se para um grupo de pesquisa interinstitucional e interdisciplinar com a finalidade de estudar as Rodas de conversa SMED – SPPA através de metodologia desenvolvida ao longo desses anos. O presente artigo descreve sucintamente a história da parceria entre as duas instituições, apresentando também a Fase 1 do Projeto de Pesquisa Diálogo entre educação e psicanálise: rodas de conversa entre SMED e SPPA. Trata-se de pesquisa naturalística com abordagem qualitativa exploratória. Trabalha-se com uma amostra de dois grupos, compostos, cada um, por vinte educadores, um assessor pedagógico da SMED e dois psicanalistas da SPPA. Para a coleta de dados, são utilizados os seguintes instrumentos: gravação de vídeos das reuniões; cadernos de campo escritos pelos psicanalistas e assessores e, por fim, questionários sobre expectativas a serem preenchidos pelos educadores. As narrativas que emergem da transcrição dos vídeos são analisadas pelo método de Bardin. Aproveitar-se-á a primeira experiência de campo (Fase 1) para a definição das categorias temáticas significativas, de tal forma que a sua relevância seja testada em uma segunda rodada do trabalho de campo.

Palavras-chaves: Rodas de conversa; Educação; Psicanálise; Desamparo; Campo intersubjetivo; Pesquisa

Introdução

Este relato apresenta alguns aspectos de um trabalho interinstitucional realizado em conjunto entre a Secretaria Municipal de Educação (SMED) e a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), focando em particular sobre um de seus desdobramentos: o projeto de pesquisa para estudar a metodologia Rodas de conversa SMED – SPPA (Bombassaro, 2010). Como qualquer processo institucional que nasce restrito a alguns objetivos individuais, essa parceria necessita, para crescer e desenvolver-se, da formatação de uma capacidade coletiva adaptativa, algo que lhe permita solucionar os desafios inerentes à transformação dos objetivos em realidades operativas. Em uma caminhada dessa natureza, que transcende os indivíduos, é necessário desenvolver estruturas integradoras, centradas na realização de tarefas. Ou, dito de outra forma, é importante que, ao longo da caminhada, o coletivo interinstitucional se mantenha preponderantemente como um grupo de trabalho.

Esta parceria inicia com o desejo de disponibilizar conhecimento psicanalítico aos educadores que atendem crianças com até seis anos da rede municipal da cidade de Porto Alegre. Durante um certo tempo, utilizou-se um modelo mais tradicional de ensino, visando a transmissão de um suposto saber à um sujeito receptor pouco ativo. Uma parte importante dessa história, ou dessa caminhada, é a transformação do agente passivo em co-partícipe do processo de aprendizagem, culminando na disponibilização de um espaço de discussão com especificidades bem determinadas, evento que, no âmbito da parceria, foi denominado como *Rodas de conversa SMED – SPPA*. Estudar os resultados desse novo modelo de aprendizagem, testado com sucessivas turmas de educadores, serviu de estímulo e constituiu-se no fator desencadeante para a realização do Projeto de Pesquisa *Rodas de conversa entre Educação e Psicanálise*.

Esse documento articula-se com outro relatório produzido pelo grupo de pesquisa (Ferrari Filho, et al., 2019), o qual descreve, de forma mais detalhada, a história da parceria que gerou as Rodas de conversa SMED – SPPA. O presente artigo relata sucintamente o histórico evolutivo do trabalho desenvolvido por educadores, assessores e psicanalistas. Apresenta também o contexto de pesquisa, seus objetivos, descrição da amostra, instrumentos e coleta de dados, em particular, do que se convencionou denominar como Fase 1 desse projeto.

História da parceria que gerou a necessidade de pesquisa

O início

A parceria entre a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) e a Secretaria Municipal de Educação (SMED) iniciou-se em 2006, a partir de uma iniciativa da então Secretária de Educação no sentido de disponibilizar um espaço para aquisição de conhecimentos a respeito do desenvolvimento infantil, do ponto de vista psicanalítico, aos educadores ligados às Instituições de Educação Infantil conveniadas com a Prefeitura de Porto Alegre. Desde então, foram atendidos aproximadamente 600 educadores, que são, por sua vez, responsáveis pelo cuidado de mais de 6000 crianças. Esse movimento, ao ser acolhido pela Diretoria da SPPA, impulsionou a criação de uma parceria formal. Com o tempo, em cada instituição estabeleceu-se um grupo de trabalho, com natureza aberta (profissionais entram e saem), que dedica parte de seu tempo voluntariamente a esse empreendimento conjunto. Mudam seus integrantes, mas é mantida a mesma sistemática e estrutura de trabalho, que possui:

Carlos Augusto Ferrari Filho et al.

- a) Como filosofia, desenvolver conhecimento aplicável à prática do educador a partir de um esforço interdisciplinar e interinstitucional;
- b) Como objetivo principal, ajudar no aperfeiçoamento formativo dos educadores;
- c) Como ações prioritárias, oferecer espaços de trabalho compartilhado entre educadores, assessores da SMED e psicanalistas da SPPA.

A primeira ação dessa parceria foi um curso em 2007 denominado *Quem são nossas crianças?*. Com frequência semanal e duas horas de duração ao longo de três meses, realizado na sede da SPPA, previa uma continuidade já a partir do segundo semestre. Nesses cursos, após as palestras sobre desenvolvimento infantil, foi aberto espaço para um diálogo, que acontecia em pequenos grupos coordenados por psicanalistas. Participavam, em média, cerca de cem educadores em cada encontro. O público alvo eram os profissionais que atendiam crianças de zero a seis anos nas escolas em situação de maior vulnerabilidade social.

A sucessiva reedição desses cursos, avaliados de forma positiva por todos os envolvidos, atestava que os objetivos iniciais de caráter essencialmente informativo tinham sido alcançados. Esse fato não só incentivou a continuidade da parceria como fez pensar em possíveis evoluções. Do ponto de vista dos psicanalistas, a interlocução com os educadores despertou dúvidas importantes: qual o alcance desse trabalho, que procura levar conhecimento psicanalítico ao desenvolvimento infantil? Ele possui efetivo caráter preventivo? Dialogar sobre os problemas acontecidos em sala de aula utilizando certos conhecimentos psicanalíticos – inconsciente, mundo interno, defesas do Ego, entre outros – constitui-se em uma ferramenta que realmente auxilia o educador? E, em caso positivo, poderia constituir-se, de maneira secundária, em um facilitador para a educação daquelas crianças de zero a seis anos? Importante destacar que tais questionamentos só surgiram em função do clima criado nos pequenos grupos de discussão. Nestes grupos, no calor das interações emocionais entre educadores e psicanalistas, percebeu-se que a transmissão de nossas teorias sobre o desenvolvimento infantil era insuficiente e até inadequada. A demanda era de outra ordem. Consideramos importante ressaltar a participação de todos os sujeitos envolvidos neste processo de mudança de enfoque.

Momento de inflexão

Analisando esse contexto e percebendo-se a complexidade do trabalho desenvolvido, verificou-se que a proposta de um curso informativo, apenas para ensinar, não era suficiente. Constatou-se a necessidade de criação de um

espaço compartilhado de reflexão e estudo entre educadores, assessores da SMED e psicanalistas da SPPA, com o objetivo específico de dialogar acerca dos problemas concretos vividos nas escolas. Algo como um espaço facilitador dos processos de autoaprendizagem para o sujeito, a partir dessas vivências compartilhadas nas reuniões. Entendeu-se que, para avançar nesse sentido, seria necessário disponibilizar um espaço-tempo continuado, à semelhança de um *setting* psicoterapêutico/psicanalítico, no qual se tem um certo número de encontros, em local apropriado e com regras claramente definidas.

Um dos pressupostos foi o de que investir no desenvolvimento da capacidade de distinguir o peso relativo entre o fato traumático externo (p. ex., a violência do tiroteio que impede o dia escolar; a criança violenta em sala de aula como consequência do abuso sofrido em casa, entre outros) e o fato psíquico potencialmente traumático (p. ex., o abuso sofrido pelo sujeito educador em sua infância) poderia ajudar ao educador. Entendeu-se, assim, que a efetiva contribuição do conhecimento psicanalítico se materializaria quando este consegue ajudar na elaboração da impotência frente ao traumático decorrente do *não saber o que pensar*, situações nas quais o educador sente-se solitariamente desamparado na sala de aula.

Formato atual das rodas de conversa

A estrutura e sistemática de funcionamento dos encontros foi adaptada, evoluindo do modelo informativo para uma crescente divisão de tarefas e de responsabilidades. Em resumo, chegou-se à seguinte forma de trabalho, que permanece até o momento:

1. Define-se o tema e o seu conjunto de subtemas, os quais serão o objeto da conversa em cada um dos sete encontros, já que o oitavo – e último – objetiva avaliar e integrar os conhecimentos produzidos durante todo o processo. Essa definição do tema geral e seus subtemas acontece em reuniões preliminares;
2. Em cada um dos sete encontros iniciais, escolhe-se um educador que, em poucos minutos, descreve uma situação concreta vivida na escola, ilustrativa do subtema. A seguir, um assessor e um psicanalista, ainda no grande grupo, realizam breves comentários sobre a situação relatada. Considera-se esse momento introdutório como o estímulo para o trabalho em pequenos grupos;
3. A conversa continua, já em pequenos grupos, em livre associação, com um assessor e dois psicanalistas (sempre os mesmos, durante todos

Carlos Augusto Ferrari Filho et al.

os encontros) atuando junto aos educadores em cada pequeno grupo. Trabalha-se na SPPA durante oito encontros semanais, com duração de noventa minutos cada, sendo que trinta minutos são utilizados no grande grupo para a realização do estímulo e os sessenta minutos restantes destinam-se à conversa em livre associação e sob a coordenação de dois psicanalistas;

4. Entende-se que o conjunto das experiências vivenciais de construção compartilhada de conhecimento (autoaprendizagem) tem importância para o resultado das rodas de conversa. A autoaprendizagem basicamente resulta em estruturas psíquicas subjetivas (competências), as quais se tornam operacionais desde que passem a integrar o conjunto dos elementos pré-conscientes ou das memórias cognitivas do sujeito participante. Por outro lado, como, ao final de cada encontro, cada pequeno grupo cunha uma frase que possa expressar sinteticamente o trabalho realizado no encontro e, na oitava reunião, em grande grupo, edita-se e apresenta-se o todo das frases de todos os subgrupos, há também uma preocupação no sentido de, brevemente, resgatar-se a história da caminhada através dessa mini memória escrita.

A pesquisa

Contexto

O interesse que emerge da prática continuada de Rodas de conversa SMED – SPPA é compreender a natureza transformativa dessa intervenção com grupos. A hipótese de pesquisa é que a experiência grupal de reflexão compartilhada, sistemática, estruturada e processual melhora a capacidade dos educadores para lidar com o desamparo, muitas vezes presente, gerado pela não compreensão que certas situações provocam no sujeito educador durante o seu exercício profissional.

Qual a singularidade dessa experiência, na qual um conjunto interdisciplinar de profissionais divide responsabilidades na tarefa de compreender-elaborar situações emocionalmente tóxicas? Poder-se-ia pensar em algo que implica um esforço compartilhado na busca de uma figurabilidade (possível) (Botella & Botella, 1997) em ideias-palavras, frente ao vazio representacional do *não saber o que pensar?*

No início das reuniões, cada profissional utiliza a sua própria escuta, ancorada em uma visão particular sobre a gênese dos problemas relatados. Em uma

aproximação esquemática, esperar-se-ia encontrar, entre os educadores, elementos de narrativa sugerindo a noção de que o traumático estaria na sala de aula (realidade externa), pois lá se reúnem as crianças que chegam maltratadas após o final de semana; é na sala de aula que se escuta os tiroteios que interrompem o dia escolar; é na porta da sala que surge a criança, a qual, em alguns casos, o educador sabe, é vítima de abusos durante o tempo em que não está na escola; é na sala de aula que as crianças, às vezes muito pequenas, se mostram violentas com os educadores.

Indo para outro extremo, entre os psicanalistas (Bastos, 2009), esperar-se-ia encontrar intervenções que sugerissem, sim, o reconhecimento desse traumático da sala de aula com uma contundência quase intolerável, demarcado pelo conteúdo manifesto da narrativa. No entanto (diria o psicanalista), é necessário atentar para os elementos do conteúdo latente, pois, junto com as palavras e manifestações pré-conscientes, estão também, muitas vezes, elementos inconscientes (Freud, 1900, 1909a, 1909b, 1912) que, ao contaminar o campo grupal, cerceiam ou mesmo bloqueiam a capacidade de pensar do grupo (Bion, 1943, 1961, 1962).

Em uma posição talvez intermediária, poderia se considerar que a escuta feita pelos assessores a respeito dos acontecimentos na Roda de conversas, ou seja, aquilo que orienta suas intervenções na narrativa grupal, poderia estar conectado ao desejo de entender os elementos que restringem ou fomentam, as relações entre o ensinar e o ensinado, entre aquele que ensina e o sujeito que aprende. Tal circunstância supõe que a restrição, às vezes, possa estar no sujeito na sala de aula, quando, apenas a título de exemplo, parece predominar uma atitude passiva, fazendo com que o indicado seja a busca ativa de soluções.

São apenas exemplos de uma realidade multideterminada, pois existem, no mínimo, tantas visões sobre o mesmo fenômeno quanto é o número de sujeitos presentes na interação. Assim, retornamos à questão, em termos dessa pesquisa: como entender o traumático, considerando-se o conjunto das possíveis representações mentais dos sujeitos? Seria algo que se restringiria à compreensão do que se passa concretamente em uma determinada sala de aula, descrita pelo educador? Ou deveria ser imaginado como elemento presente no espaço do acontecer educacional? Ou, quem sabe, em uma hipotética dimensão intersubjetiva, conforme supõe o sujeito psicanalista?

O esperável não seria que, em um determinado momento ao longo do processo, surgisse, a partir da construção compartilhada de conhecimento, narrativas um pouco mais homogêneas? Enriquecidas com representações-palavra que ofereçam algum sentido para aquele grupo frente aos fenômenos do traumático, derivado do *não saber o que pensar*? Uma conversa semeada por representações-palavra, em um local onde antes existiam zonas demarcadas por

Carlos Augusto Ferrari Filho et al.

um vazio simbólico, em algo como um enriquecimento semântico compartilhado? Onde, por exemplo, *sala de aula* se torna um conceito a nomear um determinado espaço-tempo, ancorado tanto em uma referência geográfico-espacial, e, portanto, permeado por acontecimentos do mundo externo, quanto em um *locus* por onde podem circular elementos subjetivos e intersubjetivos.

Objetivos

Objetivo principal

Estudar o impacto da intervenção, Rodas de conversa SMED – SPPA, para os sujeitos participantes¹⁰, sejam eles educadores, assessores pedagógicos ou psicanalistas, no contexto específico de conversar e pensar, de forma articulada, estruturada e processual, sobre situações traumáticas (re)vividas em sala de aula pelos educadores presentes às reuniões.

Objetivos secundários

Investigar a evolução da percepção do sujeito educador em relação aos efeitos produzidos pela participação no processo Rodas de conversa¹¹;

Estudar o fenômeno da desistência dentro do processo Rodas de conversa¹².

Delineamento, amostra, instrumentos e coleta de dados

Esta é uma pesquisa naturalística com abordagem qualitativa exploratória. O protocolo da investigação foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Porto Alegre/SMSPA (nº 95270818.9.0000.5338). Todos os participantes assinaram o consentimento livre e esclarecido.

Captar a riqueza dessa experiência epidermicamente percebida pelos que dela participam, efetuando um trabalho de tradução em dois níveis, constitui um dos desafios da presente pesquisa. Esse fato implica, em primeiro lugar, tentar entender o que se passa nos sujeitos, em termos da sua percepção dos fenômenos trazidos à conversa, antes e depois da participação das rodas de conversa – estudo das narrativas. Em um momento posterior, de forma complementar, investiga-se a construção de um desenho metodológico que permita a realização desse

¹⁰ Através da análise de narrativas presentes nos vídeos das reuniões e nas informações dos cadernos de campo escritos pelos assessores da SMED e pelos psicanalistas da SPPA.

¹¹ Através da análise comparativa – descritiva das informações coletadas a partir dos Questionário sobre Expectativas 1 (antes da reunião 1), o Questionário sobre Expectativas 2 (na reunião 8) e o Questionário de *Follow up* (após 6 meses).

¹² Através da análise das informações coletadas a partir das Questionários sobre Absenteísmo, preenchidas pelos educadores que não completam o processo Rodas de conversa.

primeiro movimento e, ao mesmo tempo, sustente a produção de conhecimento suficientemente baseado na teoria vigente.

Optou-se pela utilização da técnica de análise de vídeos de todos os oito encontros, sempre em sua íntegra, pois esse documento audiovisual garante um registro bastante fidedigno da experiência em si. No entanto, a definição sobre qual seria a melhor forma de analisar as narrativas que emergem dos vídeos motivou intenso questionamento. Na literatura existente, não se encontra um caminho metodológico preestabelecido indiscutível para o estudo qualitativo de rodas de conversa. A técnica com grupo focal possui semelhança com rodas de conversa, apesar de se verificarem uma diferença sutil, mas significativa, entre as duas. Ambas iniciam com um tema específico. Contudo, na roda de conversa, diferentemente do grupo focal, a discussão que vem a seguir é aberta, possuindo um fluxo determinado pelas necessidades emocionais dos seus integrantes. Verificase, muitas vezes, uma urgência em falar, às vezes inclusive desabafar, em um ambiente grupal receptivo, deste ou daquele sujeito, fato que pode determinar o rumo da conversa. No grupo focal, a coordenação tem limites e objetivos mais precisos, como, por exemplo, uma ajuda terapêuticamente orientada. Tendo tal fato em vista, entendeu-se necessário consultar especialistas externos ao grupo de pesquisa para a definição desse importante passo do desenho metodológico¹³. Optou-se, assim, pelo desenvolvimento das categorias de análise a partir de uma primeira experiência de campo, denominada como Fase 1 da pesquisa.

Rodas de conversa entre educação e psicanálise: fase 1

Amostra

No início, são formados dois grupos, compostos, cada um, por vinte educadores, um assessor pedagógico da SMED e dois psicanalistas da SPPA. Como é usual, a SMED convida integrantes de escolas de áreas socialmente vulneráveis para integrar as rodas de conversa. Aqueles que espontaneamente aceitam então participam de um encontro preparatório na SMED, onde recebem o programa contendo o cronograma dos oito encontros e informações básicas sobre a natureza das rodas de conversa. Os problemas vividos nas escolas determinam a definição dos temas abordados. A epidêmica violência que assola as comunidades onde estão

¹³ Dentro desse esforço, além das consultas em nosso meio, apresentou-se esse projeto de pesquisa no *IPA Annual Research Training Programme (RTP)* em 2019, onde essa questão foi especificamente debatida entre pesquisadores sênior, como Marina Altmann, Rogerio Lerner, Marianne Leuzinger-Bohleber, Clara Schejman, Tamara Fischman, Bradley Peterson e Mark Solms.

Carlos Augusto Ferrari Filho et al.

as escolas fez com que esse fosse o tema central da presente roda de conversa (Elsen, et al., 2011; Gonçalves & Sposito, 2002; Lopes & Gasparin, 2003; Silva, 2018; Ribeiro & Assis, 2018).

Os psicanalistas e assessores escolhem os sete tópicos em torno do tema violência, os quais serão discutidos em cada encontro. Ficou assim definido o programa completo das Rodas de conversa na Fase 1.

Tema central: A escola entre a paz e a violência. Sequência de encontros e seus subtemas:

1. Família, escola e violência;
2. Violência entre crianças;
3. Narrativas das crianças sobre violência;
4. Violência física dentro da escola;
5. Quando a violência quebra vínculos de confiança;
6. Banalização da violência;
7. Violência e acolhimento: a busca de um equilíbrio;
8. Reunião de fechamento.

Instrumentos e coleta de dados

Serão utilizados os seguintes instrumentos: gravação de vídeos das reuniões; cadernos de campo escritos pelos psicanalistas e assessores; questionários sobre expectativas a serem preenchidos pelos educadores na primeira, na última reunião e após seis meses; questionário de absentismo para aqueles que desistem.

Análise de dados

As narrativas que emergem da transcrição dos vídeos serão analisadas pelo método de Bardin (2009):

1. dois avaliadores independentes examinarão a presença de situações não transcritas, mas que iluminam a compreensão de aspectos verbais e não verbais do processo comunicativo das rodas de conversa;
2. pesquisadores procederão à leitura inicial das transcrições dos vídeos, já com o resultado das conclusões dos avaliadores independentes;
3. fragmentos significativos do discurso dos integrantes das rodas de conversa serão selecionados (unidades de registro – UR);
4. UR serão agrupadas, gerando categorias temáticas;
5. a frequência com que as UR aparecerão será pontuada;
6. interpretação.

Foi escolhido um dos dois grupos, aquele coordenado pelo psicanalista com mais vivência no trabalho com rodas de conversa, para a construção das categorias temáticas (CT). Reservou-se todo o material existente relativo ao outro grupo (vídeos dos oito encontros) para ser trabalhado, em uma etapa posterior dessa pesquisa, como futuro objeto de estudo à luz das CT construídas na Fase 1.

Reflexões finais

De maneira resumida, foi descrita a história de um esforço interinstitucional e, as Rodas de conversa SMED – SPPA. A noção da responsabilidade de enfrentar a tarefa de entender o potencial transformativo dessas rodas de conversa, para os sujeitos participantes, determinou a criação de um grupo de pesquisa. A descrição da construção do desenho metodológico da pesquisa atesta sua natureza e filosofia. Existe o fato clínico e uma experiência com os grupos – Rodas de conversa SMED – SPPA –, que sucessivamente produz efeitos positivos. Um método foi desenvolvido e aperfeiçoado, exatamente com o objetivo de melhor operar nessa realidade clínica. A definição do desenho metodológico, que respeita essa prioridade, vai se construindo à medida que se encontram aqueles elementos que permitam ir avançando com a pesquisa, sem, no entanto, causar dano ao trabalho clínico. No momento em que se envia esse relatório para publicação, o foco do grupo de pesquisa é implementar a análise de dados da Fase 1 do projeto aqui exposto. Portanto, é necessário pensar no presente documento como um capítulo desse acontecer processual clinicamente orientado. □

Abstract

Conversation circles between education and psychoanalysis: a research project

The group formed from the SMED – SPPA partnership, which for over twelve years has been working with the study and application of techniques that provide psychoanalytic knowledge in the continuing education of professionals focused on early childhood education, formed an interinstitutional and interdisciplinary research group. The purpose of this research is to study the SMED – SPPA Conversation circles, a methodology developed over the years and which is a product of this partnership. This article briefly describes the history of the partnership between the two institutions, and also presents Phase 1 of the Research Project *Dialogue*

Carlos Augusto Ferrari Filho et al.

between education and psychoanalysis: conversation circles between SMED and SPPA. It is a naturalistic research with exploratory qualitative approach. We work with a sample with two groups, each consisting of twenty educators, one SMED pedagogical advisor and two SPPA psychoanalysts. For data collection, the following instruments are used: video recording of meetings; field notebooks written by psychoanalysts and advisors; questionnaires about expectations to be fulfilled by educators. The narratives that emerge from the transcription of the videos will be analyzed by Bardin's method. The first field experiment (Phase 1) will be used to define meaningful thematic categories, so that their relevance is tested in a second round of fieldwork.

Keywords: Conversation circles; Education; Psychoanalysis; Helplessness; Intersubjective field; Research

Resumen

Ruedas de conversación entre educación y psicoanálisis: un proyecto de investigación

El grupo formado a partir de la asociación SMED – SPPA, que durante más de doce años ha estado trabajando con el estudio y la aplicación de técnicas que proporcionan conocimiento psicoanalítico en la educación continua de profesionales centrados en la educación infantil, formó un grupo de investigación interinstitucional e interdisciplinario. El propósito de esta investigación es estudiar las ruedas de conversación SMED – SPPA, una metodología desarrollada a lo largo de los años y que es un producto de esta asociación. Este artículo describe brevemente la historia de la asociación entre las dos instituciones y también presenta la Fase 1 del Proyecto de Investigación *Diálogo entre educación y psicoanálisis: ruedas de conversación entre SMED y SPPA*. Es una investigación naturalista con enfoque cualitativo exploratorio. Trabajamos con una muestra con dos grupos, cada uno compuesto por veinte educadores, un asesor pedagógico de SMED y dos psicoanalistas de SPPA. Para la recolección de datos, se utilizan los siguientes instrumentos: grabación de video de reuniones; cuadernos de campo escritos por psicoanalistas y asesores; cuestionarios sobre expectativas que deben cumplir los educadores. Las narraciones que emergen de la transcripción de los videos son analizadas por el método de Bardin. El primer experimento de campo (Fase 1) se utilizará para definir categorías temáticas significativas, de modo que su relevancia se evalúe en una segunda ronda de trabajo de campo.

Palabras clave: Ruedas de conversación; Educación; Psicoanálisis; Vulnerabilidad; Campo intersubjetivo; Pesquisa

Referências

- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bastos, A. B. B. I. (2009). A escuta psicanalítica e a educação. *Psicólogo Informação*, 13 (13): 91-98.
- Bion, W. R. (1943). Intra-group tensions in therapy: their study as a task of the group. In *The Lancet*, 242 (6274): 678-682.
- Bion, W. R. (1961). *Experiências com grupos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (1962). Theory of thinking. *Int. Journal of Psychoanal.*, 43: 306-310.
- Bombassaro, M. C. (2010). A roda na escola infantil – aprendendo a roda aprendendo a conversar. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de Mestrado)
- Botella, C. & Botella, S. (1997). *Más allá de la Representación*. Valencia: Promolibro.
- Elsen, I. et al. (2011). Escola: um espaço de revelação da violência doméstica contra crianças e adolescentes. *Psicologia Argumento*, 29 (66): 303-314.
- Ferrari Filho, C. A. et al. (2019). Rodas de conversa entre educação e psicanálise: nascer de um projeto de pesquisa. *Rev. Bras. Psicanálise*, 53 (2): 245-260.
- Freud, S. (1900). A interpretação dos sonhos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 4). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1909a). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 10, pp. 11-154). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1909b). Análise de uma fobia de um menino de cinco anos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 10, pp. 155-250). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1912). Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 145-159). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Gonçalves, L. A. O. & Sposito, J. L. (2002). Iniciativas para a redução da violência escolar no Brasil. *Cadernos de Cultura*, 115: 101-138.
- Lopes, C. S. & Gasparin, J. L. (2003). Violência e conflitos na escola: desafios para a prática do ensino. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, 25(2): 295-304.
- Ribeiro, F. & Assis, S. S. G. (2018). Prevention of school violence: a literature review. *Educ. Pesqui.*, 44: 1-13.
- Silva, P. M.T. (2018). Violence: a study about the phenomen and its implications on school. *Masters dissertation*. Porto: Universidade de Fernando Pessoa.

Carlos Augusto Ferrari Filho et al.

Recebido em 29/07/2019

Aceito em 28/08/2019

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Elena Beatriz Tomasel**

Carlos Augusto Ferrari Filho

Rua Tobias da Silva 253/203

90570-020 – Porto Alegre – RS – Brasil

augustoferrari@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA